

CAÇADORES DA ALMA - EP ARTES QUE DIALOGAM COM A FOTOGRAFIA

Walter Carvalho

A fotografia não se aprende. A fotografia se pratica.

Eu me lembro perfeitamente que eu fiz uma viagem para o sertão com o Vladimir. Quando eu voltei eu dei para ele umas fotos que eu fiz com a câmera emprestada do Jorginho, (?), e quando ele viu as fotos, ele virou para mim e disse assim: “você tem olho de fotógrafo”. E aquilo foi um martelo me condenando para o resto da vida, porque eu achei que isso era verdade e a partir daquele momento, eu até hoje, estou tentando saber que olho era esse na prática.

Renan Cepeda

Quando a gente vê uma imagem parada, porque a televisão quer mostrar que é uma fotografia. E você já percebeu que você presta mais atenção? Nós estamos na contramão, eu acho que há 50 anos isso não rolava. Eu acho que a fotografia hoje pode se beneficiar muito disso, na *mass media* digamos assim.

Rafael Martins

A fotografia para mim são encontros. É o encontro. É a possibilidade de juntar. É essa possibilidade do que eu pensei no momento que eu cliquei e tive aqui uma coisa com você e depois essa imagem sai daqui e vai ser vista por outra pessoa e aqui os encontros continuam e as impressões continuam. Ela é comunicação por essência, comunicação por essência.

Tornaghi

Nem sempre a fotografia expressa uma realidade. Muitas vezes é o retrato dos sonhos, delírios, fantasias dos autores. Os fotógrafos não apreendem, na maior parte dos casos, a alma dos retratados mas a sua própria alma. A fotografia de tanto servir como suporte para registro de outras artes incorporou cinema, a música, a pintura, a escultura como influência na criação de suas imagens.

Walter Carvalho

Eu tive uma experiência, garoto, muito garoto, eu devia ter em torno de 10 anos. Eu ia passar férias no interior da Paraíba e um dia chegou um homem alto, eu acho que ele era alto, e diante de um sofá toné a minha tia e o meu tio posando ali ele tirou uma foto com magnésio, de dia! Explodiu aquele magnésio.

Eu não sei se sou fotógrafo por isso, não estou dizendo isso, mas esse espetáculo nunca saiu da minha cabeça. Então essa mágica, eu persigo ela até hoje. Como eu sou irmão de um documentarista, eu comecei a acompanhar ele e me aplicou o cinema, eu virei dependente, eu sou um dependente do cinema. Sou um viciado, né? Então, na verdade, eu nunca me relacionei com a vida a não ser através da imagem. Hora fotografando, hora cinematografando.

Acaba que eu levei para o cinema algumas coisas da fotografia. A continuidade temporal ela coexiste comigo quando eu estou diante de um objeto sendo fotografado, ou quando eu

estou diante de um objeto sendo iluminado para ser filmado. Eu não consigo ver as minhas fotos em um formato menos do que 50 cm. Minhas exposições as fotos são sempre grandes, talvez porque eu vejo a imagem do cinema em uma tela de 8, de 12 de 16 metros lá de frente.

Lúcio Kodato

A interpretação do que o diretor pretende é como se fosse um roteiro. É uma longa conversa de vários dias, como contigo de quase 40 anos, onde eu já sei o que você quer que enquadre, como enquadre. A fotografia te leva todo dia pela luz, ou pelo espaço, ou pelas pessoas, é uma experiência nova. E isso é a vantagem de ser fotógrafo, eu não consigo repetir a mesma fotografia duas vezes em dias diferentes, por exemplo, em momentos diferentes. A fotografia é única, mesmo que seja em movimento, é o único momento em que tenho o tripé em uma posição, os personagens em uma outra posição, a luz em uma posição, isso é um momento único.

Luiz Garrido

A foto é diferente do cinema, porque no cinema você conta uma história em várias imagens, tem o diálogo, e a fotografia você tem que contar a história em um fotograma só. A arte para mim é uma quebra do equilíbrio. Está aí os impressionistas que foram tentar botar em um salão lá de Paris, não puderam e fizeram um salão a parte, eles quebraram. Aí o público “que maravilha!” né? Não vai explicar a luz em um *renoir*, vai ?

A fotografia você faz com a cabeça. Se você faz com Iphone, Ipod, I não sei o que, não interessa. O que interessa é o resultado final do produto.

Fernando Naiberg

(?) diz que a fotografia é um picolé, aquela coisa congelada. Então, tomei gosto por isso e decidi sair um pouco da ilha de edição da montagem e disse: “pô, eu preciso da rua, preciso de ar, preciso viver” , não que a montagem... Assim, são *jobs* distintos, linguagens. Apesar de irmãs são distinta, então foi aí que eu fui para a rua.

A fotografia tem um processo imersivo, silencioso, é um processo que não é audiovisual. O audiovisual é maravilhoso mas cada um na sua coisa. A fotografia me dava aquele espaço de eu poder mergulhar dentro, seja de uma imagem, seja de um ensaio conjunto de imagens paradas e poder ler o que outra pessoa possivelmente pode ler diferente.

Hoje eu faço muito estilo de cinema, é um dos segmentos da fotografia que eu também gosto bastante. Você estar dentro de um *set* e não estar interferindo nisso, também está tendo a sua leitura da coisa.

Paulo Coqueiro

A fotografia, antes de tudo, é uma linguagem. Uma linguagem que vem se estabelecendo e modificando com o tempo. A fotografia se estabelece em uma sociedade urbana e industrial e ela nasce com algumas questões, que acompanharam por mais de 1 século e meio ela. E essas questões eu diria que são meio que fábulas, como a ideia de objetividade, a ideia de verdade, a ideia de permanência. E a mim, particularmente, me interessa projetos ou

aspectos, vamos dizer assim, da fotografia que desestabilizam essas fábulas. Como querer que uma fotografia, um objeto retangular, ele possa trazer algo de verdade ?

Esse trabalho são 50 idosos que eu fotografei na cidade em que eu nasci, nos vilarejos aos arredores chamada Boa Nova o nome da cidade. A ideia a princípio desse projeto era fotografar pessoas com um recorte de mais de 80 anos, reproduzindo poses tal qual os seus retratos quando eram jovens. Mas esse projeto acabou avançando um pouco mais do que isso. Ele passou a ser espelho do que aconteceu, história recente da fotografia, da época onde as pessoas eram jovens e a fotografia era um objeto materializado em papel que se contemplava, para hoje, uma época onde a fotografia hoje é usualmente em tela, abundante e onde a produção, a circulação e o consumo são absolutamente fugaz.

Eu fui acometido por um problema de visão. Durante um período eu saía com a câmera fotografando os lugares que eu percorria, as viagens que eu fazia, tentando reproduzir aos olhos do outro aquele desconforto, a ideia inicial também era essa. Eu gostaria que as pessoas percebessem através da imagem um desconforto que era muito meu.

Odir Almeida

Eu sempre gostei muito de cinema, de imagem e aí eu comecei a ir para o laboratório do Milan e aí fui aprendendo com ele a fotografar. Faço minha fotos, essas do mar, é um Rio visto de um outro olhar, um olhar artificial de Fellini, uma coisa assim. É um mar bem pesado e escuro. E aí, quando começa as ondulações das águas, o movimento das águas, e aí que começa a sequência.

Silvio Tandler

Você gosta de fotografar gente também ?

Odir Almeida

Muito, muito. Adoro.

Silvio Tandler

Você tem aquele teu OH YEAH, como é que é ?

Odir Almeida

OH YEAH. Adoro, adoro gente. Eu adoro fotografar gente, eu adoro. Fotografar gente é uma coisa instantânea, rápida. Eu tenho uma coisa da humanidade do pessoal do subúrbio, acho que tem muita coisa de musas, tem as sereias. Então eu pego ali o caldeirão do arpoador e aí eu passo para eles o e-mail ou a página no Face, e aí eles ficam curtindo mandam para todo mundo. E eu pego a galera toda de óculos, dentro da água ali no arpoador.

Rafael Martins

Aí você vai dizer: “porra, mas e aí velho ? Tem muito fotógrafo hoje”. Não tem muito fotógrafo hoje, tem muita câmera, tem muita foto.

O 'Leite Quente' é a ideia de você poder adicionar luz à foto. Adicionar luz artesanalmente, digamos assim, através de ferramentas luminosas, lanternas, isqueiros, velas. A gente abre a máquina tudo é escuro e aí a gente vai construindo, colocando pontos de luz na foto. Na verdade o trato está com a pessoa, o grande segredo está nos encontros das pessoas. Então o que me interessa também seja fazendo um *light painting*, seja fazendo um retrato para um jornal, é como que a gente vai construir esse retrato aí.

Renan Cepeda

O fotógrafo que não caça alma, é um falso fotógrafo. Mesmo que você tenha um celular na mão, acho que qualquer pessoa que está querendo registrar alguma coisa, não está querendo passar só uma ilustração uma informação, ela pode fazer muito mais do que isso.

A fotografia infravermelha é, simplesmente, são filmes ou sensores digitais que conseguem captar a porção invisível da luz. Então, na verdade quando a gente fotografa em infravermelho a gente fotografa o invisível. Eu acho que isso tem um significado, filosófico até e metafísico, muito interessante. Ou seja, estamos lançando mão de uma engenhoca química para que a gente possa enxergar o que a gente não enxerga. E a mesma coisa foi a fotografia em *light painting*, que é uma fotografia lenta, né? Você abre a câmera no escuro, se veste de preto entra dentro da cena com uma lanterna iluminando o que você quer que apareça na fotografia. Foi uma forma que eu descobri de imprimir uma identidade naquilo que eu estou fazendo.

Bob Wolfenson

Eu acho que não há limite nenhum para quando você tem ideias e quer criá-las e você pode usar a fotografia, às vezes, como um meio às vezes como um fim. Depende, muitos artistas plásticos usam a fotografia apenas como um meio, eles pintam, desenham, só emolduram, dão outras conotações daquelas diferentes das quais elas foram tomadas. Mas há uma encenação, porque eu estou ali, escolho o que eu quero colocar depois. Então há uma montagem, há uma dramatização daquilo.

Sidnei Tandler

A educação, no meu olhar, começa pela fotografia. Isso é o que eu acho mais interessante. Quando você olha uma paisagem e você quer enquadrar, você quer tirar uma coisa e deixar outra, isso foi fundamental em todo o meu processo. Na relação da apreensão do material para fazer a pintura, era muito forte a fotografia. São os dois caminhos que eu percorro ainda até hoje e que me interessa que são a fotografia e a arquitetura. A fotografia voltou a ser importante porque ela mostra o que é que chama a atenção do meu olhar, o que chama a atenção da minha imaginação. E é interessante você ver o desdobramento da... porque você começa com a imagem e termina com a abstração, que meu trabalho é abstrato. Então as pessoas podem acompanhar o que chamou a minha atenção e o processo que eu desenvolvi.

Wilton Montenegro

O tipo de fotografia que eu faço tem especialmente de área de arte. Eu gosto muito de uma palavra que é usada pelo Haroldo de Campos, no ato de traduzir que ele chama de 'transcrição'. Hora bolas, eu estou vendo uma coisa, uma performance, uma instalação. Eu

estou mudando de língua, eu estou indo, mais do que para outra linguagem, eu estou indo para outra língua. Eu estou transformando aquilo em uma fotografia, eu estou tirando do tridimensional e colocando no bidimensional, em outra língua.

Eu comecei a fazer capa de disco, algumas capas importantes. Não é uma coisa que eu começo, mas é uma coisa que eu começo na minha vida, pensar a capa de disco a partir da ideia do artista mais do que a imagem do próprio artista. O início de uma relação mais intensa com alguns artistas. Isso é fortalecido também com a Clara Nunes, quando a gente sai para fazer a capa do disco 'Esperança' na hora de fazer a capa vem um monte de meninos, se agarra com ela, e ela olha para mim e diz assim: "acabei de descobrir o título, é Esperança, esses meninos são a esperança, são o futuro". Na hora de escolher a foto, ela chegou e disse: "olha, eu quero essa foto", eu disse: "Clara, você está com olheira, muita olheira!" e ela disse: " não, não me interessa, eu quero essa foto na capa! Eu sou assim."

Milton Montenegro

A ferramenta, ela está ali à serviço de quem a usa, né? Seja para o bem ou para o mal. Sempre fui mais fotógrafo de estúdio, de ter algum controle sobre a luz e sobre o que está acontecendo. Eu diria que é uma fotografia construída, muito mais do que capturada ou flagrada. E sempre fiz publicidade, que é um mercado que gosta da novidade, até muito a partir da interferência do eletrônico, do digital e do computador. Eu acho que eu continuo experimentando e me sentindo desafiado a conseguir produzir e realizar resultados, diferentes do que eu já fiz. Eu passei, se bobear, os últimos quatro anos experimentando efeitos que pudessem ser incorporados ao EP e passei muito tempo fotografando com o celular. E de um ano para cá, eu consegui me organizar o suficiente para resgatar o meu material que eu fiz para capas de disco, desde os anos 80 também, e aí eu fiz uma arqueologia pessoal de organizar esse material, que eu espero que vire um livro no ano que vem.

César Ovalle

Comecei a trabalhar em uma agência de modelo, fiz *book* uns 8 meses.. Aí não era isso e saí. Aí fazia *freela* em uma agência de publicidade, fiz batizado, fotografei até em IML, sabe? Fiz um pouco de tudo. Mas eu gostava mesmo era das bandas, mas não me davam dinheiro. Eu tive banda. Ao mesmo tempo que fizeram todas as fotos um dia de mim no palco, nunca gostei de nenhuma, talvez isso tenha sido uma lição, eu falei: " pô, faz daquele jeito ali", então eu fiz do jeito que eu gostaria de me ver.

Cada foto que você faz tem muito seu ali, de tudo que você assistiu, de tudo o que você já leu, tudo que você já viveu na sua vida. São pontos de vista, são muitas coisas que estão ali, é porque a foto é um filho teu. Eu até hoje não sei se o verde que você enxerga é o verde que eu enxergo, a gente só sabe que a gente está no mesmo mundo, supostamente vendo as mesmas coisas mas a gente sente as coisas completamente diferente um do outro. Quando eu tiro foto de alguém, eu tenho certeza que eu estou mostrando para esse alguém, como eu vejo ele. Eu acho que isso, o caçar almas, é bem nesse sentido de como as pessoas te vêem.

Walter Firmo

Em relação à sua primeira entrevista com toda essa glória de ser filmado pelo Silvio, eu me sinto como se fosse aquele batismo de navio, que o cara chega com um champagne, entendeu? Então, que você seja muito feliz nessa empreitada de tudo aquilo que eu não queria que você fosse, você quis ser e é. Eu quero que o meu beijo seja uma espécie de champagne em você.

Duda Firmo

Eu sabia que uma hora eu ia ter que seguir um caminho diferente do meu pai. Porque ele tem a leitura visual e fotográfica dele muito forte. Óbvio que eu assimilei muita coisa, porque eu vivenciei isso a minha vida inteira. Quem sempre falou para todos os alunos dele, eu fui aluno dele, obviamente em todos os cursos que ele deu eu participei, e aí sempre falou uma coisa que era a importância do fotógrafo ver os grandes pintores, os impressionistas. Era importante você ver aquilo. Porque não só pelo tom das cores mas também pela coisa do enquadramento.

Eu fui observando determinadas nuances que os vidros davam e, também, quando chovia que se aproxima até mesmo um pouco da pintura. Que é uma coisa até proposital, minha, que eu faço, porque como sempre todo mundo falou que a pintura valia mais do que a fotografia eu falei assim: “bom, então eu vou tentar chegar perto para ver se pelo menos os preços melhoram”. A minha base é um vidro, um vidro comum, borrifando água, muitas vezes eu to no carro com ele dirigindo e eu estou borrifando, esperando uma cena passar para fazer a foto. Utilizo também, às vezes, areia, óleo vegetal, que vai dando texturas diferentes nas fotografias.

E você tem que ser diferente. Porque fotógrafo hoje em dia todo mundo é, todo mundo que tem uma câmera é um fotógrafo. Então você tem que achar um caminho que você seja diferente

Walter Carvalho

Agora o que eu acho legal nessa história de catar a alma das pessoas, é que para mim, eu continuo um pouco criança diante da possibilidade de encontrar uma imagem, como caçador.